

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Editor

José dos Santos Pedrozo Junior
A LIBERAL — Offic. Typographica
 Rua de S. Paulo 216

Sabbado 15 de julho de 1899

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes 300 reis
 Provincias, 6 mezes 600 »
 Numero avulso 60 »
 Anuncios preço convencional

SUMMARIO

A guerra, por L. F. MARRECAS FERREIRA. — Lei de isenção de estampilha. — Concurso Nacional de Tiro, mappa dos alumnos. — União dos Atiradores Civis Portuguezes, acta n.º 6 do Conselho Gerente. — Noticias. — Mãe, por ERNESTO VIANNA. — Bibliographia critica, por X. — Caçada em Pancas, por ***. — Projecto de lei sobre caça, carta por AGOSTINHO H. DA COSTA SIMÕES. — Associação dos Caçadores Portuguezes, convocação. — Pedestrianismo, Sport Club, noticias. — Velocipedista, chronica, por MAGALHÃES FONSECA; Porto, por PEDAL CHICO. — As nossas gravuras, José Honorato de Mendonça Junior e D. Eduardo Lete. — Tauromachia, revista quinzenal, por E. O'A. — Semana sportiva. — Anuncios.

GRAVURAS

José Honorato de Mendonça Junior, D. Eduardo de Lete.

TIRO

A guerra

Como variam os pareceres sobre esta questão, em que dos primeiros philosophos da antiguidade até os ultimos pensadores do tempo presente todos se julgam com direito a discutir!

Facilmente crêmos no que desejamos e a confiança cega n'uma paz perpetua, sonho que tem seduzido tantos espiritos de eleição, está por infelicidade nossa cada vez mais abalada pela crua realidade. Os factos que vamos presenciando, depois do que se tem dito e escripto, da proclamação de tantos ideaes nas barricadas, nos parlamentos, no livro e no jornal, não vem de molde a fazer-nos radicar a convicção de que a espada se inferruge mettida na bainha, ou que os poderosos canhões deixem de expectorar o ferro e o fogo que geram nas entranhas, sobre cidades, navios ou exercitos inimigos.

Ha como causa mais preponderante do desequilibrio gerador da guerra o instincto de rapina, mal refreado pela policia nos simples cidadãos e só contido em cada nação poderosa pelo receio das outras. A civilisação apenas tem feito variar n'esta materia os meios e os processos e não podemos deixar de convir que são ás vezes do mais apurado bom gosto os pretextos da guerra, para a qual tambem se invocam ideaes muito levantados.

Quando a Armenia cáe esmagada pelos turcos, escarneo da pretendida civilisação de nossos dias, ninguem se move e esse christianismo que anda abrazado em furor de crear proselytos por toda a parte, deixa desflorar virgens, trucidar sem defeza velhos e creanças, saquear a propriedade, extérminar um povo.

Vê-se a China exausta, apoz uma luta para que não podia estar preparada e pairam sobre o cadaver do Celeste Imperio todos os abutres da Europa, rasgando-lhe a pedaços a carne, como os verdadeiros abutres alados praticam no cadaver dos parses expostos nas Torres do Silencio, em Bombaim.

A propria França, poucos annos depois da desastrosa guerra de 1870 a 1871, que veio reduzir-lhe o territorio da metropole

não reage ante a pressão intoleravel do chanceler de ferro, soffre a irrupção violenta da Inglaterra no Egypto e vae bem longe, a Madagascar, ao Tonkim, ao extremo oriente, dar pasto á mesma sede de cubica, que seculos atraz animava os normandos ao piratearem pelos seus rios e pelas suas costas.

Vimos ainda ha bem pouco em Hespanha surgir a idéa de uma compensação pelos desastres soffridos, assaltando-nos como o ladrão de encrusilhada fila o viajante desprevenido.

Não digamos, porém, tanto mal da guerra que se esqueçam os beneficios enormes, que indirectamente nos tem trazido.



José Honorato de Mendonça Junior
 Alumno do Collegio Arriaga
 Primeiro premiado no concurso escolar de 2 do corrente

E' de ver a diferença enorme dos tyrannos antigos aos modernos chefes de estado; dos actuaes processos de administração, não perfeitos ainda mas sujeitos a normas definidas, ao revoltante arbitrio de outras éras, de que ainda temos bastantes recordações no paiz; da justiça de hoje para a antiga á qual bem se podia chamar *justiça de mouro*.

Caíram as theocracias; os autos da fé ja não queimam as victimas dos dominicanos, tonsurados cannibae; fecharam-se os *in pace* onde soffriam a morte lenta aquelles desgraçados sobre quem pesava a politica conventual; ninguem é obrigado a pôr honra, vida e fazenda ao serviço de ignobeis especuladores da religião de Christo, que expulsou os vendilhões do templo e se insurgiu contra todos os tyrannos.

O processo Dreyfus, que está agitando não só a sociedade franceza, mas todo o mundo, deve levar-nos a pensar profundamente, nos vexames, nas torturas sem conto que habitualmente se praticavam

sem uma imprensa que levantasse o grito de revolta, sem uma opinião publica que por todos os modos e fórmas deixasse assignalado o seu protesto.

Nas masmorras do carcere infecto, nas sombrias paredes dos claustros, nos logares em que se ergueram pelourinhos, ou se accenderam as fogueiras da maldicta inquisição; por toda a parte em que se encontrar ainda uma pedra testemunha de tantas atrocidades, de tantas infamias, ninguem deixará de bemdizer, emfim, a guerra como uma das maiores alavancas do progresso.

L. F. MARRECAS FERREIRA.

Lei de isenção de estampilha

Esta lei obteve a assignatura regia no dia 13, sendo em seguida referendada a carta de lei.

E' pois um facto que muito concorrerá para o desenvolvimento de propagação da União. A Sociedade da Cruz Vermelha e a União dos Atiradores Civis Portuguezes são as duas associações, que entre nós, gozam este privilegio.

Já se está fazendo a estampilha especial da União.

Concurso Nacional de Tiro

Como fôra annunciado realisou-se este concurso, o 6.º, no domingo 2 do corrente, começando pouco antes do meio dia.

Animado pela quantidade de atiradores e pela grande concorrência do publico, que em grande parte, eram cavalheiros e damas que honraram a commissão executiva da União, comparecendo a seu convite.

El-Rei assistiu a todo o concurso desde a 1 hora da tarde até depois das 6, fazendo a distribuição dos premios; são festas a que El-Rei sempre assiste de bom grado, pois o tiro nacional merece-lhe especial atenção e protecção, além de que, como atirador de *élite* que é, preside a estes torneios como Rei, e como o primeiro atirador do nosso paiz. Assistiu tambem o sr. ministro da guerra, que por mais de uma vez tem demonstrado quanto lhe é sympathica esta instituição.

Na 1.ª parte do concurso inscreveram-se 128 atiradores dos quaes 54 empregaram 50 % dos tiros feitos. No principio do torneio deram-se algumas irregularidades na contagem dos tiros acertados nos alvos n.ºs 1 e 2, por pouca pratica da parte de quem estava n'esse serviço o que demorou bastante o expediente.

Por parte do jury tambem houve uma errada interpretação do programma, na forma da classificação, o que deu logar a que os premios do 4.º inclusive em diante, fossem distribuidos erradamente; mas honra a todos os atiradores, os premios recebidos individualmente estão todos já entregues no ministerio da guerra e na carreira de tiro; nem outra coisa era de

Concurso Nacional de Tiro em 2 de julho de 1899

2.ª parte — Alumnos da UNIÃO

Dez tiros, alvo circular de 1,80x0,90; 1.ª zona 0,40, 3 pontos; 2.ª zona 0,80, 2 pontos resto da superfície do alvo, 1 ponto

Classificação	NOMES	Idade (anos)	COLLEGIOS	Tiros acertados	Pontos
1	José Honorato de Mendonça Junior...	15	Arriaga	10	26
* 2	Evaristo Stockler Brandão...	15	»	8	16
3	José Alves Machado...	18	Academia de Bellas Artes	8	15
* 4	Antonio M. Ribeiro Batalha...	16	Arriaga	8	13
* 5	Arthur A. M. de Figueiredo...	16	Lyceu Polytechnico	6	13
6	Ernesto Ferreira...	18	Aprendiz de compositor	6	11
* 7	Alexandre Leite da Gama...	16	Arriaga	7	10
8	Tertuliano Lacerda Marques...	16	Academia de Bellas Artes	5	9
9	Dyonisio Santos Ferreira...	16	Nacional	4	9
10	Americo Santos Carvalho...	17	»	3	9
11	João Carlos Sá Mendonça...	21	Instituto Industrial	4	8
12	José Nogueira...	15	Real Casa Pia	4	7
13	Arthur Roiz Maia...	15	»	4	7
14	Lino Augusto de Lemos...	15	»	4	7
15	Francisco Narciso...	15	»	3	6
16	Albertino Gens d'Azevedo...	15	Nacional	3	5
17	José do Nascimento Mena...	15	»	3	5
* 18	Theophilus Arruda...	16	Arriaga	4	5
19	Adolpho A. S. Almeida...	15	Real Casa Pia	2	4
20	João da Cruz Ferreira...	15	»	2	4
21	Carlos Conde...	15	»	3	4
22	Francisco Ferreira...	20	Praticante	2	4
23	Joaquim de Sousa...	15	Real Casa Pia	2	4
24	Alberto Lopes...	15	»	4	4
25	Antonio G. Couceiro d'Albuquerque...	15	Nacional	2	3
26	João José Rojão...	15	»	2	2
27	Henrique dos Santos Silva...	15	Real Casa Pia	2	2
* 28	Gualberto Moniz Vargas...	16	Arriaga	1	2
29	Joaquim Ramos Antunes...	15	Real Casa Pia	1	2
30	Camillo A. J. M. Leite...	15	Nacional	1	1
31	Manoel da Costa...	15	Real Casa Pia	1	1
32	Alberto Ramalho...	15	»	1	1
33	Adriano A. Esteves...	15	»	1	1
34	Alberto L. Santos Valente...	15	»	0	0
35	Mauricio P. d'Aguiar...	15	Arriaga	0	0
36	Carlos Santos Ribeiro...	15	Real Casa Pia	0	0

* Premiados com a medalha de prata de frequencia da Camara Municipal de Lisboa.

Vieira da Silva e J. Fraga Pery de Linde, secretario, o qual justificou a falta do sr. Correia Pinheiro, que se achava fóra da capital.

Lida a acta da sessão anterior, foi aprovada com a rectificação, feita a pedido do sr. Anselmo de Sousa de que fóra do sr. director da carreira a iniciativa de dedicar a S. A. o Principe Real a parte escolar do concurso nacional de tiro, rectificação cujo fim está unicamente em restabelecer a verdade dos factos.

O secretario deu conta da correspondencia trocada com o ministerio da guerra acerca da realisação do concurso nacional de tiro e das diligencias que, cumprindo os desejos da União, empregára junto de s. ex.ª o ministro para que a Sua Magestade fôsse communicados esses desejos, isto é, que o concurso fôsse transferido para dia em que o monarcha pudesse assistir á distribuição dos premios, diligencias coroadas do melhor exito, por isso que essa transferencia havia já sido autorisada por El-Rei, tendo-o o sr. ministro incumbido de fazer essa participação ao conselho e á imprensa periodica.

O sr. Anselmo de Sousa, como presidente da commissão executiva, expôz ao conselho os trabalhos e as difficuldades d'esta para a ornamentação da carreira no dia do concurso, e outras de que desejou o conselho tivesse conhecimento communicando tambem a boa vontade com que a direcção da Sociedade de Geographia se dignára attender ao pedido da commissão executiva da União para a cedencia de bandeiras, caadeiras e outro material, com destino áquella ornamentação.

O conselho approvou e elogiou todos os actos da commissão executiva; exarou na acta um voto de agradecimento a El-Rei pela transferencia do concurso; encarregou o secretario de tratar com s. ex.ª o ministro de diversos assumptos referentes ao mesmo concurso; e resolveu, por proposta do secretario, que se elaborasse um relatório dos trabalhos da União, para ser presente a s. ex.ª o ministro, e, por proposta do sr. Noronha, que se tratasse sem demora de organizar o programma dos trabalhos da futura epocha, bem como exarar na acta um voto de louvor e agradecimento ao sr. Gil Dias, pela sua desinteressada dedicação, mais uma vez manifestada para com a União, na direcção dos trabalhos para a ornamentação da carreira.

E nada mais havendo a tratar, foi levantada a sessão ás 11 horas.

O SECRETARIO DO CONSELHO

J. Fraga Pery de Linde.

esperar. Agora serão entregues a quem de direito pertencam.

Pena foi que se dessem esses factos que em parte tiraram o brilho a um dos melhores concursos a que temos assistido.

Segundo a acta do jury lavrada no dia seguinte, os premios devem ser distribuidos pela seguinte fórma:

1.º — Gonçalo Heitor Ferreira, premio de El-Rei, medalha de ouro.

2.º — José Marques Viegas, premio do ministerio da guerra, medalha de prata.

3.º — Ignacio Franco, premio do ministerio da marinha, medalha de prata.

4.º — Manuel José de Magalhães, premio da Camara Municipal, medalha de prata.

5.º — Francisco Gonçalves Rita, premio da União dos Atiradores Civis Portuguezes, medalha de prata.

6.º — Manuel Soares Correia, premio do Grupo Suisso, medalha de prata.

7.º — Gil Portocarrero, premio do ministerio do reino, medalha de prata.

8.º — Antonio Dias Falagueiro, premio do Grupo Patria, medalha de prata.

Medalhas de prata aos srs.: Guilherme Henrique, Manuel Ramos Martins d'Almeida, Antonio Gonçalves Santiago, José Thomaz Coelho, Ligorio Silvestre da Silva, Agostinho Manuel de Sousa, Guilherme da Silva, Manuel Cosme Gomes, Max, Harmann, João de Moraes Carvella, Augusto Ferreira Pinto Bastos e Leopoldo Soares.

Premios da União de 7\$500 réis ás praças de pret:

José Guilhermino, cabo de infantaria n.º 7.

Manuel Martins soldado.

Recebeu individualmente um premio d'estes Antonio José Gomes mas a União resolveu não pedir este premio e dar um igual a José Guilhermino.

Da 2.ª parte do concurso damos um mappa completo; foi muito lisongeiro o inicio d'esta instrucção a alumnos dos collegios da capital e Real Casa Pia, tendo-se inscripto 36 alumnos.

Estamos certos que para o anno a União fará o campeonato das escolas o que deve ser uma festa brilhantissima.

Convirá porém, que de futuro, em todas estas festas e torneios, que tão alto interesse tem para a defeza nacional, se associem todas as legitimas e boas vontades, no que se nos affigura muito ganhará a causa sem que ninguem perca nada nem do seu valor nem do seu trabalho.

Depois de escripto e composto este artigo, soubemos que El-Rei resolveu que os premios que destinou para este certamen, fossem diffinitivamente entregues aos atiradores primeiro classificados pelo jury.

Em presença d'esta resolução o ministerio da guerra vae dar premios eguaes aos atiradores, que, segundo a classificação retificada, mais se distinguiram no mesmo concurso.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Conselho gerente

ACTA N.º 6

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 9 DE JUNHO DE 1899

A's 9 horas da noite, e na redacção do Tiro Civil, foi aberta a sessão, estando presentes os srs. dr. Cunha Bellem, presidente; Anselmo de Sousa, Eduardo de Noronha, Pedro Ferreira, Ignacio Franco, Gil Dias, Gustavo José de Jesus,

Em Loosduinen (Hollanda) effectuou-se ha dias o 3.º match internacional de tiro cujos resultados foram os seguintes:

1.º Suissa	599 ballas	5,518 pontos
2.º Franca	599 »	4,404 »
3.º Dinamarca	598 »	4,390 »
4.º Italia	598 »	4,345 »
5.º Hollanda	598 »	4,277 »
6.º Noruega	591 »	4,151 »
7.º Belgica	591 »	4,134 »
8.º Inglaterra	587 »	4,055 »

Os atiradores francezes tratam presentemente de solicitar do ministerio das obras publicas do seu paiz que intervenha junto das companhias de caminhos de ferro para que lhes seja applicada a tarifa militar, sempre que tenham de utilisar-se dos comboios para tomar parte em concursos de tiro. Na representação que para esse fim elaboraram, e para a qual estão colhendo assignaturas entre os membros das sociedades de tiro, allegam elles que, sendo soldados voluntarios durante toda a sua existencia, lhes devem ser concedidas as mesmas condições de transporte que aos soldados que juraram bandeiras. Affirme que a concessão que pedem será a melhor propaganda em favor d'aquellas festas patrioticas, permitindo que n'ellas tomem parte maior numero de atiradores, e que tal concessão nenhuns prejuizos, antes vantagens, trará ás companhias, que em vez de transportarem de todos os pontos da França a Marsella (onde este anno se effectuará, em outubro proximo, o 6.º concurso nacional de tiro) 2 ou 3 mil atiradores, serão 12, 15 ou 20 mil viajantes que o tiro francez lhes fornecerá, quintuplicando assim as receitas dos caminhos de ferro.

E' de crêr que esta pretensão obtenha o deferimento que merece, pois que em França, geralmente, os poderes publicos acolhem com benevolento applauso e incentivo todos os empreendimentos patrioticos, entre os quaes os realisados pelas associações de tiro são negativamente dos mais dignos e meritorios.

Acrescentaremos que aos atiradores francezes é já permitido pagarem metade da tarifa ordinaria quando se transportem da localidade em que residem áquella em que se effectuam os

concursos, e que a tarifa militar que pretendem lhes seja applicada é da quarta parte da ordinaria.

Porque não fazemos nós o mesmo que os nossos camaradas francezes?

LITTERATURA

Mãe

E' minha santa mãe! berço mimoso
D'onde na minha infancia andei suspenso;
E' minha santa mãe, que vejo, e penso
Verei sempre se Deus é piedoso.

João de Deus.

Primavera louça estende o manto
De galas e primores:
Ao vergel e ao bosque volta o encanto
Dos fructos e das flores;

Em idyllio de amor, soltam descantes
Alegres passarinhos,
Junto aos ninhos macios, palpitantes,
Suspensos dos raminhos.

E' o sol do bom Deus que inunda os prados!
E' a mãe-natureza
Desentranhando os bens entesourados
Com prodiga grandeza!

E a minha alma que vive como o dia,
Ora alegre, ora não,
Como de um fogo extranho se inebria
E solta esta oração:

Ridente mez de junho, ó mez formoso!
Como eu te quero bem!...
Bafejaste, ao nascer, um ser bondoso
E santo, — minha Mãe!

Minha Mãe! — nome breve, mas que encerra
De affectos um thesoiro,
Que mais val' de que quantos tem a terra,
E mais que todo o ouro!

Nome que é todo amor! — amor immenso,
E a nenhum outro igual!
Amor que nasce, cresce e vive intenso
E sempre, até final...

E' como que o fanal, de onde irradia
A luz dos nossos olhos,
Que ao porto nos conduz e que nos guia
Atravez dos escolhos;

E' o oasis virente e hospitaleiro
No deserto arenoso,
Onde vae repousar o viajero,
Cansado e sequioso;

E' a estrella formosa da bonança,
De fulgido candor,
Que nos aponta além risonha espraça
E nos sorri de amor!

E' a maga, gratissima miragem,
Que dentro em nós retrata
Do mais caroavel ser a doce imagem,
Com um nimbo de prata!

Dos labios cada beijo que desprende,
Cada sorriso seu
Parece mais adensa e mais incende
Esse fogo do ceu. —

Amor que vibra as nossas commoções
E sente a nossa dor;
Amor que funde em um dois corações,
Amor, que é todo amor!

O' sacrosanto amor, que tens na cruz
O symbolo sagrado!
No termo amor da Virgem por Jesus,
O Filho muito amado.

Recebe, Mãe, a hosanna affectuosa
Que a Ti teu filho envia!
A Ti que és, como a Virgem, Mãe bondosa
E chamas-te — Maria!

ERNESTO VIANNA.

Poesia expressamente escripta pelo mimoso poeta, nosso bom amigo e collega o sr. Ernesto Vianna para um filho recitar, em homenagem a sua mãe, de nome Maria, por occasião do seu anniversario natalicio, em junho ultimo.

Bibliographia critica

ÇAÇADAS PORTUGUEZAS

PAIZAGENS — FIGURAS DO CAMPO
POR
Zacharias d'Aça

Ainda ha caça em Portugal! Parece impossivel, mas é verdade!

Apesar de, ha mais de cincoenta annos, andarem conspirando contra ella as leis e os costumes, ainda aqui e ali, nas vinhas, nas charnecas, nos impervios, se descobre uma lebre, um coelho, uma perdiz! Boas legoas se andam, sobem-se e descem-se ingremes encostas e serranias, mas, enfim, —alegra-te, olho! — que lá vae uma! Bravos caçadores, que ao romper da aurora, partem, cheios de força e de alegria, e, aspirando o ar fresco da madrugada, gritam — *Vamos para a caça!* como quem proclama uma victoria — á noite, derrancados, murmuram em voz sumida, quasi apagada: — *Vimos da caça!*... Elles estafados, as rêdes vazias! Mas viram-n-a... E isso basta para lhes alimentar o fogo sagrado!

Ella, a caça, a pobresinha, desamparada de todos e por todos perseguida, reage contra a morte com a vida: as forças naturaes, o eterno principio gerador, são superiores aos elementos de destruição, dão-lhe forças para fesistir aos seus vandalicos inimigos, que tão cruel e insanamente a vam dizimando!

Vêem-n-a elles rarear dia a dia, até desaparecer de todo, nos logares onde antes abundava, e, com a inconsciencia dos seus feitos, exclamam, admirados e consternados: — *Não ha caça!*

Como querem que a haja — abundante e variada, como nos tempos de outr'ora — se a perseguição e a matança não param, nem de dia, nem de noite!?

São os caçadores, cada vez mais numerosos; as armas cada vez mais aperfeiçoadas; os cães de gado, amestrados pelos pastores, descobrindo-lhes os ninhos nos campos — esses talvez os maiores inimigos; são as armadilhas de toda a especie, funcionando a todas as horas, de dia e de noite, ao cair da tarde, ao romper da manhã, á hora da bebida; são as esperas ao candeio, e ao luar: as rêdes — muitas e diversas — o furão, e o traidor reclamo, na primavera, nos pares!...

E isto tudo sem cessar, de sol a sol, de janeiro a dezembro! Que o *defezço* de pouco ou nada lhe serve — tão pouco respeitado elle tem sido! O *defezço*, violado até pelas proprias auctoridades! Ainda hontem os jornaes o diziam.

Pensaram alguns benemeritos caçadores que era ainda tempo de acudir ao estrago, e que seria possivel travar o carro, até aqui triumphal, da vandallica destruição. Pozeram mãos á obra, e, vencendo resistencias, e conquistando sympathias para o seu patriótico intento, alguma coisa, muito, têm já conseguido: já vem rompendo a aurora d'uma era nova!

A boa vontade não se lhes entibiará, e a consciencia de prestarem um serviço publico, e de contribuirem para o augmento da riqueza nacional, dar-lhes-ha a força necessaria para affrontar todos os obstaculos, e vencer todas as resistencias.

Ainda ha caça — dissemos — e ainda ha, tambem, caçadores: ha tambem quem escreva sobre assumpto tão raro, e não falta, segundo nos dizem, quem leia. Mas se o

assumpto não pecca pelo excesso, os escriptores tambem não, e a bibliographia portugueza moderna — afóra dois jornaes, já fallecidos — um de Lisboa o outro do Porto — um ou dois folhetos, assignados por algum nome illustre na venatoria, como o celebre José Paulo de Mira — o já lendario *general* dos monteiros alemtejanos — alguns esplendidos quadros, dispersos nas obras do nosso grande poeta Bulhão Pato, algumas narrativas humoristicas, e estudos diversos de historia natural, publicados nesta revista — nada mais nos offerece digno de figurar nas estantes d'um caçador portuguez.

Num paiz que sempre foi de caçadores, e onde ainda ha tanta gente que sabe pegar na espingarda e na penna, custaria a perceber tal penuria — a da materia prima. Mas como todas as regras têm excepção — o nosso collega e collaborador abriu uma, e das suas caçadas na companhia de Bulhão Pato, de Lopes Cabral, e d'outros amigos seus, as melhores espingardas e os melhores companheiros do seu tempo, Zacharias d'Aça fez narrativas, e quadros, que, reunidos em volume, a Companhia Nacional Editora publicou sob o titulo — *Caçadas portuguezas — Paizagens — Figuras do Campo*.

Publicado no principio d'este anno este livro foi, a todos os respeitoos, um livro novo — novo no assumpto, novo na forma, e novo na lingua, por não ser *moderna*.

Assim o disseram todos os jornaes, que annunciaram a sua apparição — os do norte, e os do sul, os de Lisboa, onde o auctor conta amigos, e os das provincias, onde o seu nome era apenas conhecido pelos seus estudos criticos sobre a arte nacional. Algumas pessoas, em extremo amaveis para com o auctor, disseram-lhe que tinham achado o livro... pequeno; affirmaram-lhe outras que o tinham relido. Emquanto á pequenez do volume, sabemos que d'este *senão*, tão agradável de ouvir, não teve culpa o auctor: quiz elle fazel-o maior, mas não o deixaram. Ainda assim é um *oitavo*, e tem 280 paginas.

Edição pequena — 600 exemplares apenas — com que Zacharias d'Aça iniciou a publicação, em volume, dos seus trabalhos de trinta annos — as *Caçadas portuguezas* receberam tambem do publico um acolhimento excepcional.

— «De tantas obras que a Companhia Nacional tem editado, ha annos a esta parte, o seu livro é um dos que se tem vendido mais.» — Estas palavras do director da secção editorial d'aquella companhia, o sr. Manoel Novaes, confirmam o que deixamos dito.

* * *

Os leitores do *Tiro Civil* tiveram occasião de ler, e tambem de admirar, o magistral estudo, que o sr. Fernandes Costa aqui lhe dedicou. Paginas d'arte e de critica, em que se revelam mais uma vez, e por uma fórma brilhantissima, na justeza das apreciações e na lucidez do estylo, as altas facultades litterarias, a fina, a penetrante intuição do eminente escriptor, tão justamente laureado como poeta e prosador.

Dizia Sainte-Beuve — o grande mestre, ou, melhor, o Grão-Mestre dos criticos: «*Je ne parle jamais d'un auteur vivant sans l'avoir vu.*» Não faltou isto ao nosso distincto escriptor; vê-se no que elle diz ácerca das *Caçadas portuguezas*, onde a cada passo se manifesta a superioridade da sua critica: conhece tão bem a obra

como o auctor. Escripção de critico para critico, completo, porque fundamenta o que affirma, mostrando atravez das paginas do livro a personalidade de quem o escreveu, delineando-lhe bem a figura, o contorno intellectual, dando-lhe o relevo proprio, descobrindo-lhe as intenções, as tendencias, e as sympathias, este estudo do sr. Fernandes Costa, é, no nosso entender, um dos mais notaveis trabalhos de critica litteraria, que nos ultimos annos teem apparecido no jornalismo portuguez.

Deve ser grande prazer vêr-se assim apreciado e comprehendido—prazer duplo neste caso, porque resulta de duas impressões — a do auctor e a do critico.

Esta necessidade de expansão intellectual, ingenita em todos os escriptores e oradores, satisfaz-se apparentemente com todos os publicos, com todos os auditorios, se ella se manifesta por uma obra de arte; mas no espirito do artista — poeta, prosador ou orador — ha sempre um publico especial, uma minoria, uma aristocracia da intelligencia, com quem elle vive, que são os seus pares, a sua familia espiritual, em quem elle pensa, e a quem elle principalmente se dirige, quando compõe, quando executa a sua obra. São esses os seus pares — dissemos; são esses os seus juizes — juizes e arautos, se elle é um triumphador. Por isso Victor Hugo, que não desprezou nunca os louvores, os applausos da multidão, dizia—referindo-se ás esplendidas criticas de Paul de S.¹ Victor — que valia a pena escrever um livro, só para ter o gosto de o ver apreciado por tão brilhante e formoso prosador!

(Continúa)

X.

Caçada em Pancas

A amizade, esse aneio do carinho e do apoio estranho, que sollicitamos desde o berço, e nos é dado no amor dos paes, — áquem sempre retribuido —, mais tarde, nas affecções dos companheiros da mocidade, que trocamos em sympathias e affinidades a traduzirem-se em dedicações extremas, cultivava-a, a mais pura, no andar da vida, a caça, nas francas expansões que nascem da approximação mais intima, da commum partilha de trabalhos e luctas nobres e singelas, com rivalidades dignas, sem invejas.

Amisades que ali criei, ficaram.

Findava o dia, um dia quente de primavera. O sol affastava para o horizonte opposto as sombras da terra, e em raios, que subiam, illuminava, despedindo se, as extremas folhas das arvores, as raras nuvens, côr de rosa, e os espaços, que presetes a penumbra e a escuridão da noite envolveriam.

Sereno o ar, calados já os insectos e as aves, que, na diurna faina, em zumbidos e cantos, o allegram, só se ouviam os chocalhos e o triste balir dos mansos animaes que recolhiam, e o potente e cadenciado bramir do bravo touro nos paues de Pancas.

Estavamos em Santo Estevão, no planalto do cabeço mais saliente da encosta sobranceira ao Paul das Lavoras.

Ao nascente, ficavam, em terrenos pouco ondedados, pinheiras, ora novos e densos, ora de espaçosas arvores seculares; semeaduras de entremeio, sobreiros aqui e além, e, nas quebradas incultas e extensas, desabrochava a esteva toda em flôr marchetando em branco a escura e resinosa folha. Para o poente alongava-se a plani-

cie, ao fundo, a perder-se de vista no vasto esparcel do Tejo.

N'esses momentos, n'essas horas tão bem chamadas tristes, em que a imaginação na melancholia pretende devassar o infinito, assem ao pensar o pouco que valemos, e a um tempo, o que precisamos do auxilio extranho, dos affectos dos nossos e dos amigos.

Amigo, tinha um ali, e os dois, bastantes eguaes no pensar e mais no sentir, prendiam-nos na mesma contemplação, que do morrer do dia, n'aquelle momento distrahia apenas a viva accidental lucta, em baixo, de um campino montado que furioso touro investia, sem querer ceder-lhe o campo á choupa. Cedeu o homem, e desapparecendo o bicho na valla que cortava a varzea, o maior silencio, o cansaço da penosa e improfua caçada, veiu lembrarnos não sermos dos seres creados a que a noite faz excepção para o descanzo, e o estomago avisar-nos da lei geral e suprema que os governa a todos.

Estava já ateadada, por outros menos contemplativos, a fogueira, e collocada sobre a trempe a panella em que se cosiam as gallinhas.

Posta a mesa — um dos cestos da cantina — com os pratos e os copos de metal, destapado o pipó de vinho, e promptos os talheres, começámos a desvanecer tristezas e magoas e a ressuscitar esperanças de melhor caçada futura.

Como no sentir e no pensar, acompanhavamos-nos igualmente, os dois, no saborear a canja, os fritos de bacalhau — de ordinario seus por primorosos os de sua casa — e a bella pinga; mas elle mais cadiado, demorado e frio.

Em muita outra coisa deixava ainda de ser extreme a parella, nas exterioridades e nos artificios, principalmente. Não trajava elle fato proprio de caça; punha qualquer, usado, as côres, os tons e as linhas não ajustando com grande acerto. O ligeiro pendor do chapéu, a mais revolta aba, é que, por vezes, casavam justo com o gaiato dos piscos olhos atravez da constante luneta.

Não tinha tambem preferencias nos atavios da caça; a cartucheira, a primeira, como lh'a impingia a loja, a cair para a barriga, as perdizes dependuradas a baterem-lhe nos joelhos; as botas, quaesquer, botas ou sapatos, essa questão eterna do calçado n'elle não tendo pega nem preferente sequez.

O porte da espingarda seguro mas desdenhoso, e como a tratava, coitadinha! Dos beijos da ferrugem não tinha ciumes; e de quando em quando, e quando Deus queria, é que para a consolar a passava com... um papel!

Tambem não sabia fallar ao cão, chamava-o a toque de buzina; fallava-lhe como á gente, deixava-o em liberdade, e dava-lhe correções que elle recebia quasi como affagos.

Não se está vendo já, pela descripção d'estes descuidosos nadas, apparecer a alma serena e boa, alegre e sã? Pois vê-se, e era a realidade, e é ainda, porque não mudou; como não parecerá mudado, por fóra, a quem o vir vinte e sete annos decorridos, além dos trinta e cinco que então contava, na sua bicycleta, agil, as barbas negras, sem artificio tambem, e ar alegre.

Não lhe faltava, porém, arte no modo de buscar a caça e principalmente de a matar, derrubando-a, perto e longe, com profiada e quasi sempre vencedora competencia. Era um raio!

E que pernas! Alto, transportava-se ligeiro por cima de barrancos, e paredes,

aos saltos; no fim do dia só a cara de pallida tornada rubra denunciando o esforço.

Que bons momentos de franca rivalidade tivemos por esses montes e valles do nosso bello paiz! Como apertaram, na egualdade dos nossos gostos n'essa tarefa, os laços da nossa amisade, no bom e livre convívio de tantos annos e arredadas as pequenezas que asoberbam a vida!

Sem dizermos como o cancionero chinês:

Contemplo sobre as aguas esbatida
A sombra das montanhas e adivinho
Que não tenho outro amor na vida
Além do amor do vinho

gostavamos de procurar no summo da uva prazeres, que o nectar dava aos deuses e o patriarcha Noé não desprezava.

E fóra elle, o meu companheiro, que da agua, (a que, na segunda infancia, voltei agora), me tirára, para me mergulhar n'esse outro pelago em que hoje se affoga a humanidade, e, dizem, se perde. Com o vinho das margens da sua Teja, enganador na diaphana côr, no suave perfume e ligeiro pique, arrastava-me a acompanhá-lo na exaltação da poesia subjectiva que elle sabia manifestar em sentidos versos seus e d'outros, e eu em melancholico silencio.

Eram a mais do festim d'aquelle dia, servido ao ar livre, sob as ramadas dos pinheiros, á luz já de uma lanterna que, valha a verdade, estava bem longe da illuminação caseira a mais modesta, o Felippe e o Gallinha.

O Gallinha com o estomago de aventura do pobre, affeito hoje á sardinha, ou a nada, e amanhã ao banqueto do feliz acaso, como aquelle, enchia-se a mais não, parecendo-lhe, sem consciencia mythologica, tudo ambrosia.

Era um caçador do sitio, já não moço, esqualido e amarelento de febres; humilde no feito, e parco nas palavras; andrajoso e quasi descalço.

O Felippe era tambem um amigo, mas d'aquelles aos quaes, em condição differente da nossa, compramos com uma pouca de bondade e de justiça, e com generosidades, para nós de pouco pezo, dedicações que ás vezes se tornam sublimes, dandonos, em paga d'esses favores, o unico bem de que dispõe: a vida!

Filho do Ribatejo, d'onde sahira creado, e para onde voltou e está feito, ficára chrisnado o «Felippe do Tiro», pelos Tiros á Pistola e aos Pombos onde, no intervallo, se empregára. Acompanhava-nos como caçador; mas, entusiasta, mais familiar connosco e menos submisso que o João Gallego, não podiamos impedil-o, como fazia-mos áquelle, de atirar tambem, e ferir-nos, de quando em quando, o seu bigode.

Para as caçadas d'aquelles sitios, e da Lezira, que conhecia a palms, era o nosso alvicaireiro e guia.

N'aquella promettera-nos matarmos gamos como quem mata coelhos! A salto, os estralmalhados das ultimas batidas que El-Rei ha pouco ali fizera saltavam da ponta da bota, e fogo! O Massarico, o Cobra d'Agua e o Gallinha, — tinham-nos os morto assim. Em Alcochete, em Benavente e em Samora, dias e dias, só se comia carne de gamo e de porco bravo! Estavamos voltados aos tempos das sesmarias do Infantado; aos bandos de caça grossa que faziam tremer nas carreiras o chão dos antigos paues de Pancas!

E atraz de este sonho, lá fômos, os dois, eu e o meu amigo L. O., (elle menos cren-te e mais philosopho), dormir uma noute

de pesadellos, entre pulgas e percevejos, em Villa Franca, para no dia seguinte, com as bestas precisas de cavallaria e carga, atravessarmos a Leziria em direcção a Samora. Cegos, não víamos, na madrugada serena, a belleza do espelhoto Tejo, os trigaes nascentes com as entremeadas flôres; nem ouviamos a calhandra a saudar a luz de que se despedira no vespertino canto, e eram-nos indifferentes os touros, nas pontas das unhas, curiosos, nos vallados, a espreitarem-nos; mal prevendo eu que n'aquella caçada havia de vêr de perto como era o seu marcar.

Depois de na barca de passagem, em Samora, fazer-mos um prompto e ligeiro almoço, e de eu experimentar uns cartuchos em que não confiava, e dos quaes me pareciam poucos, para tanta annunciada caça, trinta que restavam, mettemo-nos, a pé, caminho do eldorado, acompanhados já do Gallinha, atravez d'aquelles campos tão bellos e tão d'alma descriptos no livro «Caçadas» de Zacharias d'Áça.

As perdizes levantavam-se, aos casaes, da beira dos mattos e das sementeas; uma lebre aqui, e além fugia aos saltos; os coelhos escapavam-se ás furtas. Não era tempo de lhes atirar, mas se não fôra o receio de espantar os gamos, oh! defesa! como todas as leis, que valeríeis e seria de vós se não houvesse quem vos transgredisse?

Mas o silencio impunha-se n'esta mysteriosa caçada mais que em outras, e por aquelles emaranhados e mais densos matagaes lá iam os attentos e cautelosos, de olho alerta e ouvido á escuta, nem as enfadonhas moscas sacudindo, pisando e cortando chão, em linha, horas e horas sem conto, aqui sobresaltando-nos espantadas vacas bravas que fugiam e tomavam pelos anciados bichos, alem esperando alcançal-os, vendo-lhes o rasto e o estravo fresco a fumegar. Mas nenhuma outra cousa d'elles nem a sombra, sequer, n'aquelle primeiro dia, o de 14 de abril de 1872.

(Continúa).

CAÇA

Projecto de lei sobre caça

Alguns dos nossos estimaveis assignantes e amigos tem estranhado o não publicarmos o projecto de lei.

Explicquem-nos: o projecto é bastante longo para uma revista razoavelmente pequena como a nossa, com os variados assumptos que costumamos tratar e temos que attender, além de que o projecto tem, desde que foi elaborado, soffrido tantas modificações, que, com certeza, nunca conseguiriamos trazer os nossos leitores em dia, em tão momentoso assumpto, por isso nos resolvemos publicar o quando fôr lei, o que não passará do proximo numero, se não falharem as informações que sobre o assumpto temos.

Mas, permitam-nos os nossos amigos que o digamos: admiradissimos temos nos estado com o silencio dos nossos caros colaboradores, que, sabendo como costumamos respeitar as opiniões de todos, nem uma só lettra de protesto ou adhesão nos foi enviada! Quebrou este encanto o nosso estimado assignante de Arrayollos, cuja carta em seguida publicamos.

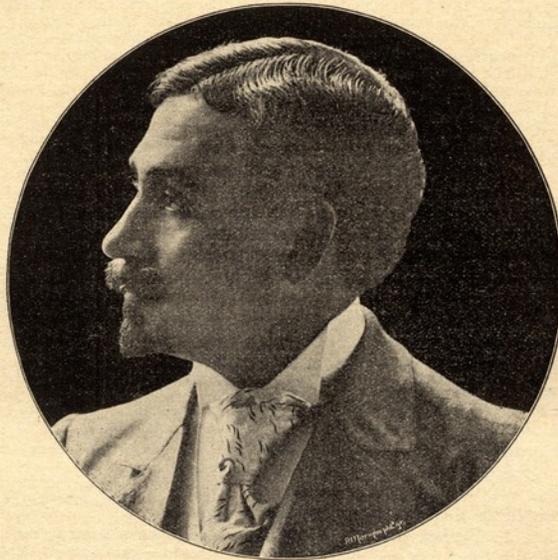
Podemos informar os nossos leitores que o projecto soffreu ultimamente modificações de fôrma que, cremos, já se pa-

rece pouco com o primitivo; as duas questões primordias eram os coutos e as codornizes; os primeiros foram para o limbo e as codornizes foram condemnadas á chacina com tempo mais que sufficiente para que poucas escapem, e para que, á sombra d'ellas, muitos caçadores continuem... a respeitar o defeso.

Repetimos, aqui, nas columnas d'esta modesta revista ha absoluta tolerancia e respeito por todas as opiniões, e, bem recebidas são todas as visitas; é claro que é indispensavel a luva branca, que para nós é o cartão de entrada.

De resto, affirmamos mais uma vez, *O Tiro Civil* tem sido, e será sempre o defensor e propognador dos interesses do sport nacional, seja qual fôr a fôrma por que elle se manifeste, buscando sempre ser superior a ruins paixões.

E temos dito.



D. Eduardo Lete

Publicista distincto. Director da Sociedade de Caça Ganaderos de Zaragoza e socio da Associação dos Caçadores Portuguezes

Sr. Redactor.

Suprehendeu-me bastante vêr que o seu jornal não disse uma unica palavra acerca do projecto de lei sobre a caça, que ha pouco foi levado á camara dos deputados por um grupo de socios da Associação dos Caçadores Portuguezes.

De certo os auctores d'um tal projecto, não sabem quantos infelizes se sustentam, uma grande parte do anno, exclusivamente da caça; e é a esses que elles querem usurpar um tal direito?!

Confesso a v. que é para extranhar um tal silencio por parte de unico órgão que tem tido até aqui por norma, defender os interesses dos caçadores.

Pois eu, como simples caçador e proprietario, não posso deixar de pedir a v. que faça inserir no seu acreditado jornal, o meu vehemente protesto contra tão monstruoso attentado dos direitos do cidadão e do caçador.

Pela inserção d'estas linhas lhe fica gratamente reconhecido

Arrayollos 8-7-99.

O assignante

Augusto Henrique da Costa Simões.

Associação dos Caçadores Portuguezes

Convocação

Tendo sido solicitada, em petição assignada por mais de vinte socios, uma reunião extraordinaria da assembléa geral d'esta associação, é a mesma convocada por ordem do ex.^{mo} sr. presidente, em conformidade com o que determina o art.

11.º dos estatutos, para reunir na séde da associação na Travessa da Espera, 7, 1.º, pelas 9 horas da noite de 20 do corrente. Lisboa, 12 de julho de 1899.

O 1.º SECRETARIO

Luiz da Cunha Menezes.

PEDESTRIANISMO

Sport-Club

Depois do Grupo Academico de Foot-ball é este club o mais antigo dos que cultivam o sport pedestre, pois data de 1896 a sua fundação.

Em tres annos muitas tem sido as festas que tem realizado, destacando-se como as mais importantes a da inauguração do velodromo do Jardim Zoologico, o passeio entre clubs de sua iniciativa e o primeiro n'este genero realizado entre nós, o jantar realizado no dia 24 de setembro de 1897, no qual tomaram parte todos os socios com as suas equipes e distinctivos, o sarau realizado no theatro D. Amelia em honra do valente official Sanches de Miranda, a corrida do campeonato (15 kilometros) realizado no Campo Grande, a corrida e sarau com que o Sport-Club commemorou em Algés o seu 2.º anniversario em 18 de setembro de 1898 e o sarau effectuado em 30 de abril de 1899 no theatro Almeida Garrett.

O Sport-Club tem tido apenas dois presidentes, srs. Luiz Saude Junior e Alberto Carlos Calleya, contando actualmente 20 socios que cultivam os seguintes ramos de sport: velocipedia, gymnastica, pedestre, atletismo e foot-ball.

A sua equipe consiste n'uma camisola preta com facha de seda amarella, calção branco com lista preta e kepi branco e o distinctivo que é em

prata, de cunho muito original.

A ultima reunião d'assembléa geral do club effectuou-se em 10 de junho ultimo, resolvendo entre outros assumptos de interesse para o futuro d'este grupo o seguinte:

Nomear socio e presidente honorario do Sport-Club o sr. Anselmo de Sousa, director de «O Tiro Civil», (proposta do sr. Adolpho Calleya approvada por aclamação).

Nomear socios de merito os srs. Carlos Vieira d'Almeida a quem o club deve grandes serviços e Manuel José Dias Monteiro, organisador do ultimo sarau, (propostas do sr. Alberto Calleya).

Convidar os socios em atrazo no pagamento de quotas a satisfazer-as no prazo de 15 dias sob pena de serem excluidos do club, (proposta do sr. Carlos Vieira d'Almeida).

Fazer cumprir o preceituado no regulamento em poder de todos os socios.

Preencher as vacaturas de socios existentes e as que se derem de futuro com elementos cyclistas (propostas do sr. Carlos Vieira d'Almeida).

Ainda n'esta sessão foi eleita a direcção para 1899, ficando assim composta: Presidente (releito) Alberto Carlos Calleya; secretario Adolpho Calleya; thesoureiro Alexandre Barjona de Freitas; guia (releito), Annibal Pinheiro Costa e sub guia (releito), Carlos Vieira de Almeida.

A nova direcção tenciona realizar a sua festa annual commemorativa da sua fundação no proximo mez de setembro, sendo o programma composto por corridas velocipedicas e uma ou duas pedestres. Esta festa é provavel que se realice no velodromo do Jardim Zoologico, que para esse fim vae ser pedido á digna empreza d'este estabelecimento.

Os premios constarão de medalhas e objectos d'arte e para presidir a esse certamen serão convidados os nossos mais distintos sportsmen.

Haverá jury arbitro, medico de serviço e ambulancia, inaugurando-se tambem n'essa tarde o *starter* (bandeira) de setim de seda e surah' esclarlate oferecido por um grupo de socios.

No dia 2 do corrente disputou-se em Paris a corrida pedestre denominada de Marathon. Fundada em 1896 pelo jornalista Pierre Giffard, correu-se agora esta prova pela terceira vez, pois não foi disputada em 1897.

Dotada de premios pecuniarios — visto que nada ha como o dinheiro para estimular o esforço — de todas as vezes os vencedores d'esta corrida tem batido o recordo estabelecido em 1896, por um pastor de nome Louys, na corrida de Marathon, disputada na Grecia por occasião dos Jogos Olympicos. Louys cobriu os 40 kilometros classicos em 2 h. 55'.

Em 1896 o vencedor do Marathon francez, o inglez Leonardo Hurst, percorreu os 40 kilometros que vão de Paris a Conflans em 2 h. 31' 29'' 4/5.

Em 1898 foi o francez Champion o vencedor, em 2 h. 30' 10''.

Este anno a prova foi ganha por Charbonnel, francez, em 2 h. 33' 10''.

A corrida, que reuniu 47 concorrentes de 86 que se haviam inscripto, foi feita debaixo de chuva e vento, mas ainda assim 26 corredores levaram a cabo o percurso. No dizer dos jornaes que se occuparam d'este assumpto, é ás contrariedades atmosfericas que se deve attribuir o não ter Charbonnel batido o tempo de Champion.

VELOCIPEDIA

O melhor meio de locomoção para turistas — O Grand-Prix da União Velocipedica de França — 100 kilometros á hora! — Corrida de 1.728 kilometros — Match Jacquelin-Grogna-Tommaselli — Outros matches — Recordos — Corrida de 6 horas — O Bol d'Or — Varias Noticias.

Que meio de locomoção deve o turista preferir? Qual é o que melhor satisfaz o seu fim recreativo?

Sobre este thema publicou a revista mensal do Touring-Club de França um artigo de Pierre Giffard, do qual vamos traduzir os periodos mais interessantes.

O articulista estabelece a seguinte formula:

«A lembrança das paisagens subsiste»
«na memoria do turista, na razão inversa»
«da rapidez de meio de locomoção que»
«elle emprega para atravessal-as.»

Em seguida desenvolve e demonstra esta formula assim:

«Em caminho de ferro só se vê um kaleidoscopo brutal, que se desenrola perante o olhar tão rapidamente, que não ha tempo de colher senão uma fugitiva impressão dos pontos mais em evidencia: cidades, logares historicos, cumes de ante-mão notados, pontes suspensas, desfiladeiros, etc. De resto, pedras, poeira ou chuva, fumo, estações ferro-viarias, postes telegraphicos: e eis tudo.

Em automovel devemos confessar que o turista atravessa as paisagens quasi como em caminho de ferro, sobretudo quando guia.

Quem tem na mão a responsabilidade d'algumas vidas, além da propria, não sente grandes desejos de voltar a cabeça, de relancear a vista sobre as minucias da paisagem que a natureza offerece a seus olhos.

Além de que, a rapidez de 25 a 35 kilometros á hora é pouco propicia ás longas meditações sobre as surpresas do panorama. Vae se muito depressa para vêr, como se deve vêr quando se é verdadeiramente turista, isto é, uma especie de pintor sem pinceis, que photographa no cerebro os sitios curiosos que esmaltam a viagem, e isto sem que seja nunca limitado o numero de placas.

Pois esta nitidez de impressão, que incontestavelmente deixa a viagem em bicycleta (a pé ainda mais intensa) recusa-a o automovel ao seu conductor.

O que é conduzido, o «viajante», gosa melhor que o conductor a paizagem. Mas o conjunto

é ainda muito agitado. Domina-o constantemente a febre.

Apodera-se de nós a celeridade, e um phenomeno, que já em bicycleta me pareceu lamentavel, me obscute muitas vezes em automovel. E' geralmente conhecido. Passa-se a curta distancia de um logar historico ou simplesmente pittoresco. Deveriamos afastar-nos da estrada directa e ir vê-lo, á custa d'um desvio de meia hora, de meio dia até. Pois bem! Fica para outra vez! Vamos em caminho, temos pressa. Roda-se desesperadamente. Não se pensa senão em rodar. E o ponto curioso despreza-se. Ora isto é absurdo.

Acesso de celeridade aguda, nefasta, incuravel, infelizmente.

D'isto se conclue que quanto mais estiver em nós excitada a celeridade, menos acordada será a memoria, pois que as impressões serão mais fugitivas. Portanto menos recordações.

De todos os paizes que tenho atravessado em bicycleta (mais de 12.000 kilometros até esta data) conservo uma impressão perfeitamente gravada, encantadora, metuculosa.

Pelo contrario, sinto-me quasi incapaz de precisar, por exemplo, todas as minudencias de cinematographo que este inverno me mostraram no itinerario de Paris a Nice e volta em automovel. Percorri 2.000 kilometros, muitas vezes com grande rapidez, agradável ao meu espirito de curioso apressado.

Facto, porém, sem precedente na minha carreira de *tourista*, esqueceram-me os nomes de grande numero de aldeias pela simples razão de que mal tive tempo de lê-los nas placas indicadoras, e de lhes associar o nome á imagem.

D'isto se deduz que o turista, indo tranquilamente em bicycleta a 12 kilometros á hora, tem tempo para ver, para impressionar a sua placa sensível, e examinar os panoramas, os nomes, as pessoas, tudo. Em automovel passa fugitivamente, e mal chega a ser visto.

Em rigor devemos concluir que todos os modos de locomoção mais ou menos são inferiores á marcha a pé — ao automovel do pae Adão.

A pé o homem pára, assenta-se em qualquer ponto, conforme os seus caprichos; a translação lenta permite á sua memoria impregnar-se d'uma forma inolvidavel.

Infelizmente, temos de convir em que o trem não anda com grande rapidez, sobretudo fadiga excessivamente quem n'elle viaja, e os seus percursos tem de ser limitadissimos em virtude da fraqueza humana.

Conclusão: o modo preferível é o intermediario, o que não vae nem muito devagar nem muito depressa.

Depois de ter experimentado quatro modos de passear pelo mundo — caminho de ferro, automovel, bicycleta e *pedibus-jambis*, sinceramente proclamo que o mais perfeito, o que mais se approxima do ideal, é, em minha opinião, a bicycleta.

Inteiramente de accordo com esta opinião, que as razões expendidas pelo articulista plenamente justificam. Os que apenas desejam *transportar-se* de um ponto a outro poderão preferir o caminho de ferro ou os automoveis; mas as pessoas que tenham em mira recrear-se n'uma excursão agradável, vendo e examinando tudo que lhes solicite a attenção, necessariamente hão-de dar a preferencia á bicycleta.

Depois do *Grand-Prix* da cidade de Paris, de que demos noticia em o numero anterior, correu-se no dia 2 o *Grand-Prix* da União Velocipedica de França. Esta corrida, a que foram admitidos francezes e estrangeiros munidos da competente licença da União, constou de 6 series, uma prova de repescagem, tres meias finais e uma final, sendo os premios 1.500 francos ao primeiro, 600 ao segundo, 200 ao terceiro e 100 francos a cada um dos segundos das meias finais.

A distancia era de 1.000 metros.

O resultado da final foi o seguinte:

- 1.º Tommaselli.
 - 2.º Grogna, a um comprimento.
 - 3.º Louvet, a dois comprimentos.
- Tempo, 1' 30''.

O vencedor do *Grand-Prix* de Paris confirmou portanto, de uma forma indiscutivel, o sua superioridade, ganhando

tambem o *Grand-Prix* da União Velocipedica de França, em competencia com os melhores corredores, taes como Grogna, Gougoltz, Meyers, Nossam, Jacquelin, Jaap Eden, Banker, etc.

Na linha de Long Island, perto de Nova-York, Murphy, seguindo em bicycleta uma locomotiva, percorreu uma milha em 1' 5''. A via, como não podia deixar de ser, estava devidamente preparada para esta tentativa, cujo resultado foi conseguir-se aquella phantastica rapidez, que representa mais de 90 kil. á hora!

Em outra tentativa o mesmo corredor, na mesma linha e em eguaes condições, cobriu aquella distancia em 57'' 4/5, o que equivale a uma velocidade de mais de 100 kilometros á hora!

Murphy declarou estar prompto a acompanhar uma locomotiva em andamento ainda mais veloz. Estes ensaios em nada prejudicaram o seu estado, e apenas o deixaram como que atordoado por tão espantosas celeridades.

Foureaux e Berger, o primeiro em bicycleta e o segundo em motocyclo, emprehenderam uma corrida de Paris a Marselha e volta, isto é, um percurso de 1.728 kilometros, mas só o primeiro o effectuou por completo, tendo gasto 7 dias e meio. Quanto a Berger foi forçado a abandonar a tentativa em resultado de uma queda. A corrida foi feita debaixo de um tempo detestavel, chegando Foureaux a Paris coberto de lama desde os pés até á cabeça, e completamente encharcado. Dos 7 dias e meio, 4 e meio foram gastos no regresso desde Marselha.

N'um match entré Tommaselli, Jacquelin e Grogna, corrido no dia 4 em Calais, o primeiro d'estes corredores, tão altamente cotado no mundo cyclistista, sobretudo depois dos seus recentes e ruidosos triumphos nos dois *Grand-Prix*, foi batido pelos seus dois adversarios. O match era em tres mãos, mas estas não deram resultado, por terem os competidores occupado successivamente cada um dos tres logares, pelo que foi necessario correr uma quarta mão, em que foram classificados: 1.º Grogna, 2.º Jacquelin, 3.º Tommaselli.

Correu-se no Hanover um match entre os campeões Paulo Albert, o conhecido amator, e Huber, profissional. O match foi em tres mãos, de 1.000 metros, sendo os resultados os seguintes:

- 1.ª mão. — 1.º Paulo Albert, 2.º Huber. Tempo 1' 49'' 2/5.
- 2.ª mão. — 1.º Paulo Albert, 2.º Huber. Tempo 2' 30''.
- 3.ª mão. — 1.º Huler, 2.º Paulo Albert. Tempo 1' 48''.

Foi portanto o vencedor Paulo Albert, que ganhou duas mãos.

N'um match de 100 kilometros, entre Bouhours, Walters e Fischer, corrido no dia 3 em Nantes, ficou vencedor Walters, que cobriu aquella distancia em 2 h. 33'' 1/5. Fischer ficou segundo e Bouhours terceiro.

O recordo da milha, que pertencia a Stocks, no tempo de 1' 44'', foi batido por J. Platt Betts, no Crystal Palace de Londres, em 1' 43'' 2/5. N'uma outra tentativa sobre cinco milhas, Platt-Betts, treinado por um tandem, fez os seguintes tempos (partida com impulso):

1 milha: 1' 37"; — 2 milhas: 3' 17"; — 3 milhas: 5'; — 4 milhas: 6' 41"; — 5 milhas: 8' 22" ²/₅. O recorde d'esta ultima distancia (partida parada) pertence a Chase em 8' 47" ¹/₅.

Corrida de 6 horas em Roanne (França) disputada em 2 de julho, sendo as quatro primeiras horas sem treinadores. Resultado: — 1.º Watelier, 167 kilometros; 2.º Bontemps, 159; 3.º Fargeot, 158; 4.º Pastaire, 156.

O resultado da prova classica de 24 horas denominada de *Bol d'Or*, que, conforme noticiámos em o numero anterior, se realisou nos dias 8 e 9 d'este mez no velodromo do Parc des Princes, foi o seguinte:

1.º Walters (inglez).....	1:020 kil. 977 metros
2.º Marius Thé (francez).	951 > 333 >
3.º Garin (francez).....	909 > 333 >
4.º Naun (americano)....	791 > 333 >
5.º Watelier (francez)....	729 > 333 >

A proeza de Walters é digna de registro. Falta-nos o espaço para fazermos uma resenha minuciosa da corrida; entretanto diremos que o corredor inglez bateu todos os recordos do mundo excedentes a 100 kilometros, e o percurso por elle effectuado dá uma média de 42 kilometros e 500 metros á hora. O anno passado o vencedor do *Bol d'Or* foi Muret, com 852 kilometros 468 metros, Walters, portanto, excedeu-o em 168 kilometros 509 metros.

A policia parisiense recebeu ordem de proceder com o maior rigor contra todos os velocipedistas que fazem gala em transgredir o que a respeito de circulação se acha regulamentado.

Por tal motivo a incorrigivel raça dos *velocipoddes*, que andam por toda a parte em corrieiras desordenadas, sem freios nas machinas e de noite sem lanternas, tem apañado n'aquella cidade um calor como se usa dizer.

O notavel corredor americano Miller, que ha tempos estava em França, partiu no dia 2 do corrente de regresso á sua patria, em companhia de sua mulher.

Por occasião das festas á Senhora da Arrabida o *Gymnasio Setubalense* promoveu umas corridas velocipedicas cujo resultado foi o seguinte:

1.ª *corrida* — Juniors de 2.ª classe. — 1.º premio, medalha de vermeil, o sr. Raul de Mesquita; segundo, medalha de prata, o sr. Ricardo Caes.

2.ª *corrida* — Juniors de 1.ª classe. — 1.º premio, medalha de vermeil e um objecto d'arte offerido pelo *Gymnasio Setubalense*, sr. Raul de Mesquita; segundo, medalha de prata, sr. Cesar de Carvalho.

3.ª *corrida* — Seniors de 2.ª classe. — 1.º premio, medalha de vermeil, o sr. José Baptista da Silva, segundo, medalha de prata, o sr. Raul de Mesquita.

4.ª *corrida* — Seniors de 1.ª classe. — 1.º premio, medalha de vermeil e um objecto d'arte offerido pela direcção do *Gymnasio*, sr. William Bleck; segundo, medalha de prata, sr. Augusto de Sousa Magalhães.

5.ª *corrida* — Tandens juniors. — Premio unico, duas medalhas de vermeil, o *equipo* formada pelos srs. Ricardo Caes e Horacio Henriques.

6.ª *corrida* — Tandens seniors. — Premio unico, duas medalhas de vermeil, *equipo* formado pelos srs. José Ahrens e William Bleck.

O grupo «Clement» realisou no dia 2 do corrente um passeio a Loures, almoçando na quinta do Correio Mór, cujo proprietario, o sr. Mathias Canha, recebeu os cyclistas que tomaram parte no passeio com requintada amabilidade e bisarria. O mesmo grupo tenciona, ainda este mez, effectuar na Quinta Grande, de Bellas, umas corridas de fitas, para as quaes ha grande entusiasmo.

MAGALHÃES FONSECA.

Porto, 11 de julho de 1899.

O Real Velo Club realisou no domingo, 9 do corrente, uma excursão particular ás thermas

de Caldellas, um dos locaes mais pittorescos da bella provincia do Minho.

Folgamos immenso em poder dizer que esta excursão foi a mais bem organizada que o Real Velo Club tem realisado até hoje, e que a presença das senhoras lhe deu um realce extraordinario, correndo tudo admiravelmente.

A direcção do passeio, a cargo do guia, o nosso amigo Achilles Muaze, foi correctissima, tanto mais que sendo a primeira vez que algumas das senhoras faziam um passeio d'esta ordem, chegaram a Caldellas perfeitamente.

As thermas de Caldellas, situadas na encosta de uma montanha, distam de Braga approximadamente 15 kilometros e possuem um dos melhores hotéis do paiz, soberbo edificio, magnificamente situado, o Hotel da Bella Vista.

As bellas qualidades das aguas de Caldellas, a magnifica situação do local, atraem n'esta occasião uma numerosa colonia de aquistas, que fizeram aos socios do Real Velo Club uma recepção muito entusiastica, especializando as gentis cyclistas pelo modo como acompanharam o passeio.

O almoço, que foi magnifico, foi servido ás 10 horas da manhã, decorrendo no meio da mais franca cordealidade.

Tomou o lugar de honra o ex.º sr. Antonio de Padua Ferreira Muaze, dando a direita a seu filho Olytho Muaze, e a esquerda a Edgar Katzonstein, directores do Real Velo Club, terminando cerca das 2 horas da tarde.

Dividiram-se os socios em varios grupos, indo visitar os logares mais pittorescos da montanha, tirando diversos grupos o distincto amator sr. Amadeu Muaze.

As 6 da tarde serviu-se o jantar, partindo em seguida os excursionistas para Braga, onde tomaram o comboio para o Porto.

As nossas felicitações á digna direcção do Velo Club e em especial ao nosso amigo Achilles Muaze, que foi incansavel na organização do passeio, que além de nada deixar a desejar foi o melhor e com mais ordem a que até hoje temos assistido.

A direcção do Club tenciona organizar outras excursões particulares n'este genero.

— Nos dias 25 a 27 do passado, realisaram os nossos amigos Olytho e Amadeu Muaze e Ricardo Garcia y Gomez uma excursão em bicycleta ao Bussaco.

— Vae fundar-se no Porto um novo Club velocipedico com sede na Serra do Pilar, denominado Club Velocipedista.

— Um grupo composto pelos nossos amigos João Garrido, Carlos Villares, J. Azevedo e Amadeu Martins, tem realisado varios passeios nos seus tricyclos automoveis *Clement*.

No domingo, 9, foram do Porto a Amarante voltando no mesmo dia.

Além d'aquelles cavalheiros ha já no Porto outros possuidores de tricyclos automoveis, e é de crer que o numero aumente, com o que muito folgamos.

— Partiu para as thermas dos Guços o digno secretario geral do R. V. C. P. sr. commendador Motta Ribeiro.

PEDAL CHICO.

AS NOSSAS GRAVURAS

José Honorato de Mendonça Junior

Um bello rapaz de quasi 16 annos, nasceu em 27 de setembro de 1883, em Belem. E' filho do sr. José Honorato de Mendonça, digno coronel commandante do regimento 4 de cavallaria, um dos mais distinctos e considerados officias d'esta arma.

No dia 2 entrou na 2.ª parte do concurso nacional de tiro, com os seus collegas subsidiados pela *União*. Revelou-se um atirador muito distincto, empregando as 10 balas e fazendo com ellas 26 pontos! Obteve o premio de S. M. a Rainha e a medalha de prata da *União*.

E' alumno do Collegio Arriaga; este collegio foi aquelle que melhor cumpriu a instrucção de tiro e por isso obteve seis alumnos premiados. Frequenta o 4.º anno dos lyceus, do periodo transitorio, logo que acabe o curso dedica-se á agricultura colonial.

D'aqui enviamos os nossos parabens ao joven e distincto atirador.

D. Eduardo de Lete

E' um distincto cavalheiro hespanhol, caçador na verdadeira acepção de palavra, vogal da direcção da Sociedade de Caça de *Ganaderos*, da provincia de Zaragoza em cuja cidade habita, sendo ali grande proprietario.

E' publicista muito distincto. Socio da *Associação dos Caçadores Portuguezes*, tem prestado a esta relevantes serviços.

Nós contamol-o no numero dos nossos estimados assignantes; publicando-lhe hoje o retrato, prestamos homenagem ás altas qualidades que o distinguem e em geral a todos os seus confrades em Santo Huberto do visinho reino.

TAUROMACHIA

Revista quinzenal

Inaugurou-se no dia 2 no Campo Pequeno a serie de beneficios dos artistas que ali tem contracto certo.

Coube a vez ao distincto cavalleiro Fernando d'Oliveira que teve uma festa brilhante em todos os sentidos.

Assim a concorrência foi numerosa e muito selecta e os trabalhos executados agradaram, especialmente porque havia uma novidade na corrida: a divisão da lide em *tercios* desempenhados respectivamente pelos cavalleiros, bandarilheiros e matadores.

Esta fórma de lide que já preconisámos em tempo nas columnas d'este jornal, é muito racional quando bem dirigida mas nunca quando, como no dia 2, se demorem muito os *tercios*.

Por este motivo os 10 touros de Faustino da Gama, que eram gordissimos, muito eguaes, grandes e de cornamentos uniformes, chegaram á morte buscando a sahida.

Houve bichinho que levou 5 farpas e 5 pares de bandarilhas além de innumeraveis *capotazos*; pois nem mesmo assim os Gamas se rendiam, recolhendo ao tourel com todas as forças.

D'isto tiveram dura experiencia os forcados que não conseguiram realizar nenhuma das pegas que intentaram, levando em troca soberbos e magnificos trambolhões. Trez d'aquelles homens ficaram inutilizados, soffrendo um uma profunda ferida de 7 centimetros de extensão na região parietal, com deslocação do couro cabelludo, outro uma commoção cerebral, e o ultimo uma fortissima contusão n'uma perna e ferimento no labio inferior.

Foram estas as consequencias do enorme poder e inexgotaveis forças dos de Faustino, que no emtanto eram nobres e *sencillos*.

A cavallo, além do beneficiado vimos fazer bom serviço os amadores João Marcellino e José Luiz Bento, que tem boa figura e sangue frio e os artistas Fernando d'Oliveira a Joaquim Alves que ouviu muitas palmas.

No ultimo *tercio* da lide distinguiu-se, mas não muito, o novel *Guerreiro* estando o seu collega *Quinito* superior com as bandarilhas.

A nossa gente que era Theodoro, Cadete, Torres Branco, Saldanha e Manoel dos Santos esteve bem e parodiaram o melhor que poderam os bons bandarilheiros de Hespanha.

Com os espadas vieram tres peões dos quaes sobresahiu o Antolino maior.

Fernando d'Oliveira foi muito applau-

dido recebendo grande profusão de brindes dos seus amigos e admiradores.

—Em 9 vimos a festa de Manoel Casimiro que foi animadissima porque houve applausos para todos os artistas competindo o maior quinhão ao beneficiado que tambem teve muitos e variados brindes alguns de grande valor.

Os touros pertencentes ao sr. Emilio Infante tinham cores diversas estavam bem tratados e alguns tinham poder e forças sufficientes para a lide.

Os bichos de cavallo cumpriram com excesso salientando-se o 1.º, o celeberrimo *Caldeiro*, e o de Miura, que sem ser bravo em demasia era nobre em extremo.

N'este touro deixou Manoel Casimiro maravilhosos ferros curtos obtendo entusiastica ovação, que tambem ouviu quando lidou o 4.º touro.

Simões Serra farpeou o 1.º com valentia soffrendo algumas colhidas, porque a rez cortava terreno como uma thezoura de Guimarães.

Na lide do 11.º satisfiz uma parte do publico.

Revertito que figurou como espada, realizou alguns cambios com luzimento, assim como tambem *trasteou* de muleta com mais felicidade que conhecimentos praticos. Simulando a morte agradou-nos porque entrou em curto e quasi sempre a direito.

Da nossa gente houve pares bons de Calabaça, Raphael, Theodoro, Saldanha, Torres e Carlos Gonçalves, a gente de forquilha como não teve Gamas pela prôa não naufragou na enfermaria.

E. D'A.

Noticias diversas

«Semana Sportiva»

Temos recebido este nosso distincto e estimado collega que se publica no Rio de Janeiro; esta visita foi para nós muito captivante, por nos offerecer ensejo, de, além de apreciarmos o sport da grande capital brasileira e do povo nosso irmão, trazer-nos as relações de um collega, pelo qual temos a maior consideração, e leitura primorosa, por isso que, a *Semana Sportiva* é uma revista por todos os motivos digna do maior apreço.

Aos nossos collegas d'alem mar as nossas felicitações e o nosso agradecimento n'um fraternal abraço.

O *Tiro Civil* tem pago esta visita.

CYCLISTAS!!

A CLEMENT em 1899, continuará, como em 98 a ser a primeira

A CLEMENT é a preferida pela nobreza, pelo clero e pelo povo. Nem podia deixar de ser assim, desde que se sabe que a sua reputação é universal e que nenhuma outra bicycleta a eguala em elegancia, perfeição, leveza, rolamentos e preço. Prefiram a CLEMENT pois, se querem possuir uma bicycleta de confiança. A CLEMENT de estrada, é construida para supportar um peso d'um cyclista de 140 kilos. Bicycletes desde 80\$000 réis. Concertos gratis nas bicycletes vendidas por nós. — Vendas a prestações mensaes.

SANTOS BEIRÃO & HENRIQUE — Rocio, 15 — Lisboa



Consultorio dentario Satorio Augusto Paiva

Cirurgião dentista pela escola de Paris.—Doenças de bocca e dentes

60, 2.º, RUA SANTA JUSTA, 60, 2.º

Consultas gratis aos pobres das 10 ás 11 da manhã

Casa Columbia

25, Rua Garrett (Chiado), 27

Unico deposito de bicyclettes, Columbia e Hartford da celebre fabrica Pope & C.º New York, America.

Vendas a prompto e a prestações (sem entrada), 1\$000 réis semanaes. Ensino, aluguer e reparações em todos os sistemas de bicyclettes.

Completo sortimento de accessorios. As magnificas cornetas *Espanita cães*.

CASA COLUMBIA

Caçadas Portuguezas

Paizagens — Figuras do Campo

POR

ZACHARIAS D' AÇA

PREÇO 700 RÉIS

A' venda em todas as livrarias

MODELS FOR 1897 READY

COLUMBIA

GREATEST BICYCLE FACTORY IN THE WORLD

DOPE MANUFACTURING CO
HARTFORD, CONN. U.S.A. & C.

NEW CATALOGUE FREE FROM ANY COLUMBIA AGENT
BY MAIL FOR A TWO CENT STAMP

Companhia Industrial Productora

DE

PAPEIS PINTADOS

Premiada em todas as exposições a que tem concorrido

27, Rua de S. Sebastião da Pedreira, 27
N.º TELEPHONICO 878

Fabrica papeis para forrar casas em todos os generos; papeis para encadernação, percalinas, chagrim, agathas; papeis marmoreados; papeis couchés para chromos e papeis de lustro para etiquetas e rotulos.

ARMAZEM DE VIVERES

ALBINO DAVID MARTINS

Generos de primeira qualidade
Especialidade em café, lote, 720 réis o kilo
Fructas nacionaes e estrangeiras
Queijos, etc.

39, Rua Nova do Carmo, 41
LISBOA

AOS CAÇADORES

EXCURSIONISTAS

Conservas — (pichles)

MOSTARDA PREPARADA

FABRICA M. A. BRITO

Pedir em todas as mercearias e confeitarias

AOS CAÇADORES!

Grande e variadissimo sortimento de espingardas de 1 e 2 canos, de carregar pela boca e de carregar pela culatra, recebidas directamente da acreditada fabrica Victor Collette de Liege e d'outras, assim como da acreditada fabrica Manufactura Francaza d'Armas de St. Etienne — França.

Revolvers

de diversos sistemas e calibres. Legitimos revolvers americanos Smith Wesson, Colt e outros.

Carabinas

Flobert, Merwin Hulbert e de outros systems.

Carabinas Buffalo

proprias para carreiras de tiro. Estas carabinas estão sendo adoptadas em França em todas as escolas de tiro, por serem de muita precisão e poderem servir para atirarem a distancias de 30, 50, 100 e 200 metros.

Cartuxos

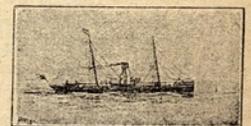
vassios ou carregados, cargas para revolver e carabinas, e todos os accessorios concernentes aos caçadores.

PREÇOS RESUMIDOS

F. A. Ventura

T. DE S. DOMINGOS, 50 a 56
LISBOA

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO



Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Vellas), Caes do Pico e Fayal

Sae o vapor *Funchal*, commandante Antonio Xavier d'Andrade, no dia 20 de julho ás 10 horas da manhã. Trata-se com os agentes do Caes Sodré n.º 84, 2.º andar.

Germano Serrão Arnaud.

POR 500 RÉIS SEMANAES

POR 500 RÉIS SEMANAES



POR 500 RÉIS SEMANAES

105, Praça do Loreto, 107

LISBOA